



# LITERATURA BRASILEIRA



Adnicio Bortolatto  
Agnaldo Marcelino Gomes  
Almir de Carvalho Filho  
Amara Chagas Alves  
Arealdo de Paula  
Arthur Francisco Baptista  
Aurora Pagliara  
Clarice Bárbara Troncarélli  
Conceição de Maria Farias Aranha  
Edmilson Alves Clemente  
Eliseu Oro  
Elza Fernandes Pereira  
Emanuel Lima  
Francisco Teotônio da Luz Neto  
Georgette Mendonça  
Geraldo Coni Caldas  
Geraldo Eustáquio Pereira  
Iêda Maria Leal Villela  
Inácio Xavier Filho

Irecê Tavares Pereira Bezerra  
Jaci Moreira dos Santos  
João Baptista Ferreira Chaves  
Joel Barbosa Ribeiro  
Joel Bueno do Prado  
Jorge Sandro  
José Carlos Gomes  
José Carlos Silva Alves  
José Manuel da Silva  
Juliêta Gomes Passos  
Luiz Alberto Cruz Soares  
Maria Calíope R. Cunha Lima  
Maria da Conceição Aparecida (Neninha)  
Neusa Alba de Andrade  
Sheila Cravo  
Therézinha de Jesús Ventura Rodrigues  
Terezinha Soares Matos  
Wagner Ferreira da Silva  
Wélida Regina Gomes Pereira



  
SHOGUN ARTE

Copyright © 1987 by SHOGUN EDITORA E ARTE

Capa: *Christina Oiticica*

Coordenação Editorial: *Christina Oiticica*

Composição e Arte-Final: *Renato e Gabriel*

Os conceitos e opiniões emitidos neste livro são  
de responsabilidade dos autores.

Direitos reservados desta edição por  
SHOGUN EDITORA E ARTE LTDA.  
Caixa Postal 43.021 – CEP 22052 – RJ  
Tel.: (021) 255-9494

Pedidos de reposição ou compra deste livro:  
(021) 255-9494

Se você é um autor novo e quer editar seu trabalho,  
fale com a gente.

IMPRESSO NO BRASIL  
*PRINTED IN BRAZIL*

JOSÉ MANUEL DA SILVA

RIO DE JANEIRO – RJ

*Nasceu a 19/03/58 no Rio de Janeiro. Morador do Grajaú, formou-se em Engenharia Mecânica, mas desistiu da profissão, resolvendo então dar aulas de inglês. Escreve desde 1977 e só agora procura tornar seu trabalho conhecido.*

ODE AO VENTO

O vento que leva a saudade da chuva  
vento bruto  
manso vento  
uma brisa cheirosa de mato invadindo  
com força a monotonia do sol  
barulho morto do dia feliz  
asmático dia sem carros e bois  
com bosta cheirando a vento de pasto  
clareando o sol da noite que se foi  
meia-noite no dia  
e o vento soprando  
o beijo da mão da rosa vermelha  
encontra o movimento do ar  
a parada de um muro branco  
muro da agonia de querer banhar-se  
sem água o camelo do deserto  
de vento é feita a natureza  
de verde o cheiro do vento  
o vento verde com cheiro de mato  
idolatra tua chuva salgada de pureza  
céu azul-cor-de-rosa dos ventos  
e tudo envolvido numa nuvem branca que passa  
todo o amor do vento  
todo o amor do mar  
toda essa paixão é desejo que evapora do ar  
movimentada com o cheiro ardente do vento  
arrepiano a pele do corpo moreno  
com a felicidade do torpor mavioso da sede saciada  
dáviva de uma dívida mortal  
o demônio se assanha  
dentro  
fora

morre o anjo leve de uma névoa amarelada  
velha névoa, mágoa cinzenta  
altiva melancolia que traz o neutro vento  
iluminando pesadamente a atmosfera veloz  
da batida dos corações em retirada  
depois do amor  
em fuga para o descanso gostoso do amanhecer  
sopra o vento uma declaração de amor  
te amo sincero  
vento de amor  
porque  
só porque  
é a sinceridade um beijo molhado de segura eternidade  
e ainda a eternidade  
que é um momento durando toda a vida  
traz o vento o desejo do depois  
marca o vento o arroxeadado da manga caída  
estraga o vento o castelo de areia  
que o anjinho ergue esperançoso  
pois o sonho da alma pura, sincera, singela  
inexistente  
esvai-se a toda hora com o vento  
da solidão  
bate o vento na porta enrijecida  
pelo amor que não pode sair  
de dentro de uma casa-coração  
põe a mesa, vento  
tira a mesa, ventania  
aconchega o vento a toalha na pele  
pelada das plantas  
voando, pássaros negros e azuis,  
pela madrugada do entardecer  
gostoso  
delicioso  
fluir de um pensamento desinteressado  
aterrisa o vento nos cabelos do pobre de espírito  
endureceu o tempo  
com o molhar do orvalho do vento  
vento que sopra  
ninando a criança  
papai saiu  
mamãe chegou  
montada no vento  
vento assustador  
que mexe com as sensações do espírito esbelto

mente  
o vento, desestruturou todo o edifício do sentimento  
chega o vento  
sai o vento  
e fica o que restou da brisa  
derrubado o macho  
destituída a fêmea  
confuso vento que não pára de soprar  
quando deve  
teimoso vento que ruge  
quando a farinha quer assentar-se  
estúpido vento que se recolhe  
quando o amor é maior  
vem velho vento vadiamente veloz  
denegriu o aviltamento dos seres inertes  
ah! vento  
que pena  
poluíste a pena do ganso  
mergulhou a saparia  
na folha que desliza na montaria do vento  
algoz  
eu de todos feroz  
vento da lembrança do que foi não sendo  
já que não seria  
porque poderia ser  
assim que fosse o vento  
assim que se fosse o desespero  
de saber que o vento existe  
mudando o atarracado existir  
da existência mortal  
venta, vento  
venta dentro de mim  
e faz com que a confusão resultante  
destrua o que sinto por ela.